

MOVIMENTOS NEGROS EM PERNAMBUCO

e a Imprensa Negra como Estratégia de Luta
(1980-1990)

AÍLLA KÁSSIA DE LEMOS SANTOS*

RESUMO

O artigo analisa o Movimento Negro Unificado de Pernambuco e sua relevância na sociedade pernambucana nas últimas duas décadas do século XX. Para isso, foram utilizados documentos da entidade, ganhando destaque as produções jornalísticas do MNU-PE e de outros Movimentos Negros do estado. Os jornais selecionados são: *Angola* (1981), do Centro de Cultura Afro-Brasileira; *Negritude* (1986), do Movimento Negro Unificado de Pernambuco; *Negração* (1988), do Afoxé Alafim Oyó; *Djumbay* (1992), da Djumbay e *Omnira* (1993), também do Movimento Negro Unificado de Pernambuco. Pretende-se com esses jornais apontar e analisar as estratégias de luta destes movimentos.

Palavras-chave: Imprensa Negra; Movimentos Negros; Recife.

ABSTRACT

The article analyzes the Unified Black Movement of Pernambuco (MNU-PE) and its relevance in the Society of Pernambuco in the last two decades of the 20th century. For this purpose, documents of the entity were used, highlighting the journalistic productions of the MNU-PE and other Black Movements of the state. The selected newspapers are: *Angola* (1981), from the Afro-Brazilian Culture Center; *Negritude* (1986), from the Unified Black Movement of Pernambuco; *Negração* (1988), from Afoxé Alafim Oyó; *Djumbay* (1992), from Djumbay and *Omnira* (1993), also from the Unified Black Movement of Pernambuco. On account of these newspapers, it is intended to point and analyze the fight strategies of these movements.

Keywords: Black Press; Black Movements; Recife.

*Aluna do curso de Licenciatura em História da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).
E-mail: aillalemos@live.com.

Introdução

O artigo apresenta o resultado de uma pesquisa realizada no acervo do Movimento Negro Unificado de Pernambuco (MNU-PE), entidade fundada no início da década de 1980, e que tem sua história marcada pela luta de seus militantes, que procuraram expor o racismo presente na sociedade pernambucana e discutir este e outros temas com a comunidade negra. São muitos os registros que mostram as propostas da entidade, contudo, este artigo pretende ressaltar a importância do MNU-PE e das suas bandeiras de luta através de uma análise da imprensa negra recifense. A imprensa negra foi utilizada por esta e outras entidades do movimento negro pernambucano como uma estratégia para a divulgação de suas propostas, em razão da falta de espaço nos grandes jornais.

O artigo deseja apresentar a história do MNU-PE e da imprensa negra recifense, importante forma de divulgação das lutas dos movimentos negros do estado. Serão analisados jornais criados pelo MNU-PE e outras entidades, que mostram as lutas e as principais discussões das instituições negras do estado na década de 1980 e 1990. É válido ressaltar que os periódicos de outras organizações apresentam ligações com o MNU, seja através de seus militantes ou da defesa das mesmas pautas. Dessa maneira, foram selecionados os jornais: *Negritude* (1986) e *Omnira* (1993), ambos do MNU-PE, e outros três jornais de entidades pernambucanas, *Angola* (1981), *Negração* (1988) e *Djumbay* (1992).

Movimento Negro Unificado (MNU)

O Movimento Negro Unificado (MNU) foi formado em 1978, na cidade de São Paulo, em um período marcado por uma ampla movimentação social. Nesse cenário, alguns acontecimentos contribuíram para a união da comunidade negra. Petrônio Domingues, em seu artigo *Movimento Negro Brasileiro: alguns apontamentos históricos*, destaca alguns desses acontecimentos como "(...) a discriminação racial sofrida por quatro jovens no Clube de Regatas Tietê (...) e a morte de Robson Silveira da Luz, trabalhador e pai de família negro, torturado até a morte no 44º Distrito de Guaianazes"¹. Esses casos, como também as situações recorrentes de perseguição policial, ataques racistas, desemprego da população negra, entre outros problemas enfrentados pelos afrodescendentes, fizeram com que ocorresse a realização de um Ato Público, no dia 7 de julho de 1978, nas escadarias do Teatro Municipal de São Paulo, que reuniu 2 mil pessoas.

Durante este processo aparece o Movimento Unificado Contra a Discriminação Racial (MUCDR), que se transformou em Movimento Negro Unificado Contra a Discriminação Racial e posteriormente em Movimento Negro Unificado (MNU)².

Dessa forma, o MNU surge com objetivo de combater o racismo e o mito da democracia racial, além da proposta de transformação do dia 20 de novembro, dia da morte de Zumbi dos Palmares, em Dia Nacional da Consciência Negra, combatendo assim, a imagem de passividade do negro, representada pelo dia 13 de maio, Dia da Abolição da Escravatura. Esse movimento tomou importância nacional e tornou-se a principal organização dos Movimentos

1 DOMINGUES, Petrônio. "Movimento negro brasileiro: alguns apontamentos históricos", *Tempo*, Niterói, v.12, n.º23, 2007, p.13.

2 SILVA, Maria Auxiliadora G. da. *Encontros e desencontros de um movimento negro*. Brasília, Fundação Cultural Palmares, 1994, p.56.

Negros do país no fim do século passado.

Os Movimentos Negros em Pernambuco

Em Pernambuco surgiu, primeiramente, uma entidade denominada Frente Negra, em 1934, formada pelos militantes José Vicente Lima, Solano Trindade, Gerson Monteiro de Lima, José Melo de Albuquerque e Miguel Barros, pode ser considerada uma organização de caráter assimilacionista³, como era comum para alguns grupos dos movimentos negros pelo Brasil nesse período. Após o seu fechamento, foi criado o Centro de Cultura Afro-Brasileira (CCAB) que, assim como a Frente Negra, foi desenvolvido pelos militantes José Vicente Lima e Solano Trindade. O CCAB tinha o objetivo de valorizar e promover a cultura negra e foi formado no final da década de 1930. As historiadoras Maria Auxiliadora da Silva e Fátima Aparecida da Silva apresentam anos diferentes para a fundação dessa instituição, para a primeira o centro foi criado em 1936⁴, para a segunda em 1937⁵.

É válido destacar a figura de José Vicente Lima, que foi um importante militante pernambucano, um dos primeiros no estado, e uma figura respeitada pelos movimentos. Outro importante militante foi Solano Trindade, poeta negro pernambucano, que participou de diversas entidades e eventos dos Movimentos Negros pelo Brasil. Além da Frente Negra de Pernambuco e do CCAB, Trindade esteve presente nos dois primeiros Congresso Afro-Brasileiro, de 1934 e 1935, criou, com Abdias do Nascimento, o Teatro Experimental do Negro, além de suas obras literárias⁶.

Outra organização importante foi o Centro de Cultura e Emancipação da Raça Negra (CECERNE), que surgiu em 1980, mas que logo chegou ao fim em razão de mudanças ideológicas e discussões internas sobre sua postura política. A partir desse momento, este movimento encontrou-se dividido entre duas entidades que divergiam política e ideologicamente⁷, mas que foram fundamentais para a direção tomada pelos movimentos no estado: O Teatro Experimental do Negro em Pernambuco, de caráter cultural e o Movimento Negro do Recife (MNR) que surgiu com uma proposta diferente, mais alinhada a demandas políticas. O Movimento Negro do Recife (MNR) teve vida curta e posteriormente, em 1982, aderiu ao Movimento Negro Unificado nacional, com o objetivo de ampliar suas atividades, transformando-se no Movimento Negro Unificado de Pernambuco (MNU-PE). Acerca dessa transição Inaldete Pinheiro, importante militante desse período, afirma que foi um processo carregado de muitas discussões⁸. Porém, apesar disso, para Marcos Pereira, outro militante que participou diretamente desse processo, foi uma decisão fácil de ser tomada e que contou com apoio de vários militantes, pois “a luta não poderia se travar isoladamente”⁹.

Sobre os objetivos do MNU em Recife na década de 1980, a historiadora Maria Auxiliadora Gonçalves da Silva afirma,

3 SILVA, *op. cit.*, p.58.

4 *Ibidem*, p.64.

5 SILVA, Fátima Aparecida. *A Frente Negra Pernambucana e sua proposta de educação para a população negra na ótica de um dos seus fundadores: José Vicente Rodrigues Lima – Década de 1930*. Tese de Doutorado em Educação. Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2008, p.11.

6 SILVA, *op. cit.*, p.64.

7 Sobre os conflitos internos dos movimentos nesse período ver: FERREIRA, Sylvio José B. R. *A questão racial negra em Recife: a necessidade e os impasses de uma ação política organizada*, Recife: Edições Pirata, 1982.

8 ANDRADE, Inaldete Pinheiro de. *Inaldete Pinheiro de Andrade (depoimento, 2009)*. Recife, LAHOL, p.38.

9 SILVA, Marcos Antônio P. da. *Marcos Antônio Pereira da Silva (depoimento, 2009)*. Recife, LAHOL, p.16.

(...) o MNU frente à população negra recifense, enquanto movimento social negro considera que a sua tarefa básica é organizar politicamente esse contingente, constituindo-o em força de pressão sobre a sociedade como um todo, a fim de que também as suas necessidades específicas sejam atendidas¹⁰.

Para esta historiadora, o MNU-PE surgiu com a proposta de ser diferente de outras entidades como grupos de dança, teatro, maracatus, afoxés, terreiros etc., em razão de seu caráter mais político, entretanto, percebe-se que essa ideia não se concretizou totalmente, e que esse movimento se afirmou, sobretudo, através das manifestações culturais¹¹.

Imprensa Negra

A imprensa negra foi criada com o objetivo de divulgar as atividades de grupos e entidades negras como reuniões, festas, informes, a história de heróis negros, entre outras questões. De acordo com Florentina da Silva Souza,

Discriminados no mercado de trabalho, nas oportunidades e, conseqüentemente, impelidos à marginalidade, os negros procuram, por meio de entidades e de imprensa próprias, um caminho para alterar sua imagem e autoimagem e, mais ainda, de modificação e de expansão dos lugares sociais a eles destinados pela estrutura social¹².

Alguns autores divergem sobre o surgimento da imprensa negra. Para Roger Bastide, Florestan Fernandes e Zilá Bernd só é possível falar em imprensa negra a partir do ano de 1915, já Oswaldo de Camargo e Ana Flávia Magalhães Pinto defendem que o marco inicial foi em 1833 com o jornal *O Homem de Cor*, da cidade Rio de Janeiro.

Na capital de Pernambuco, a imprensa negra surge exatamente com estes objetivos percorridos anteriormente. De acordo com Figueira Queiroz, a “Imprensa Negra recifense do século XX expressava discursos que integram um campo de discussão que aglutina diferentes segmentos no movimento negro”¹³.

Antes de partir para análise dos jornais selecionados é preciso discutir sobre o que é a imprensa negra. Alguns autores são fundamentais para o entendimento do que é esta imprensa e a sua trajetória. Primeiramente, podemos destacar Roger Bastide, que foi um dos primeiros intelectuais a estudar este tema, sobretudo, acerca da imprensa de São Paulo. Para Bastide, a imprensa negra tem como função, “(...) criar uma esfera de reconhecimento e sociabilidade para a classe média negra e alimentar a reverência a ícones negros, principalmente os grandes homens da raça, tais como Cruz e Souza, José do Patrocínio, Luiz Gama, entre outros”¹⁴. Apesar de sua contribuição, com o surgimento de novos estudos, Bastide passou a ter sua abordagem sobre o tema criticada, por exemplo, é possível citar a crítica a sua periodização da história da imprensa negra ao longo do século XX.

10 SILVA, Maria Auxiliadora G. da., *op. cit.*, p.61.

11 *Ibidem*, p.89.

12 SOUZA, Florentina da S. *Afro-descendência em Cadernos Negros e Jornal do MNU*. Belo Horizonte, Editora Autêntica, 2005, p.75.

13 QUEIROZ, Martha Rosa F. *Onde cultura é política: movimento negro, afoxés e maracatus no carnaval de Recife (1979-1995)*. Tese de Doutorado em História. Universidade de Brasília, Brasília, 2010, p. 75.

14 GUIMARÃES, Antônio Sérgio A. *Notas sobre raça, cultura e identidade na imprensa negra de São Paulo e Rio de Janeiro, 1925-1950*. Salvador, Afro-Asia, v. 29/30, 2003, p.266.

De acordo com Gilmar Luiz de Carvalho, cuja tese trata sobre a imprensa negra paulista, é possível afirmar que São Paulo deu início a este tipo de produção jornalística, porque contou com um “(...) processo acelerado de urbanização e os anseios de modernidade surgidos no período escolhido foram muito importantes para acentuar a exclusão do negro no ambiente urbano”¹⁵. Segundo o autor, o estado de São Paulo conta com o maior número de jornais negros das primeiras quatro décadas do século XX. Nessa perspectiva, Petrônio Domingues afirma:

Em São Paulo, no pós-abolição, os negros eram representados na “imprensa branca” de forma negativa. Em linhas gerais, eram objeto de reportagens sensacionalistas, sendo acusados de ladrões, desordeiros, bêbados e vagabundos. Ademais, imperavam o silêncio e a invisibilidade. O espaço reservado nesses jornais para abordar as dificuldades, os eventos, feitos e anseios da comunidade negra era praticamente nulo¹⁶.

Para Domingues, principalmente em razão destas questões, a comunidade negra decidiu criar esta “imprensa alternativa”, assim como as colônias estrangeiras faziam em São Paulo. Ainda sobre a necessidade desta imprensa, Florentina da Silva Souza pontua que é através de entidades e de uma imprensa própria que a população negra encontra uma possibilidade de mudar o cenário nacional de exploração e de racismo para com o negro, além de trabalhar também a imagem que esta parte da população tem de si mesma, devido aos anos de exposição a um discurso produzido e perpetuado pelas classes dominantes.

Conforme Carvalho, os principais trabalhos sobre a imprensa negra do século XX seriam de Roger Bastide e de Miriam Nicolau Ferrara, uma vez que apresentam diferentes visões sobre as etapas desta imprensa. Para Ferrara estes jornais são importantes, pois “(...) são uma forma de expressão de um grupo. Podem refletir suas aspirações e lutas, além de registrar notícias das atividades culturais e recreativas dos grêmios e associações”¹⁷.

É importante ressaltar também os trabalhos da historiadora Ana Flávia Magalhães Pinto, que trabalha com o surgimento dos jornais negros no século XIX. Esta autora reconhece *O Homem de Cor* (1833) como pioneiro desta imprensa. Para Pinto,

(...) esses momentos iniciais da imprensa negra no Brasil demonstram que, a despeito de inúmeros contratempos – entre os quais o próprio escravismo e seus instrumentos afins – negros aqui formularam uma fala própria e tornaram-na pública¹⁸.

Ela destaca alguns jornais pioneiros do século XIX como: *O Homem de Cor* - O Mulato ou *O Homem de Cor*, *O Homem* – realidade constitucional ou dissolução social (1876) de Recife, *A Pátria – órgão dos homens de côr* (1889) de São Paulo, *O Exemplo* (1892) de Porto Alegre, entre outros. Percebe-se, dessa forma, que já no século XIX os negros passaram a lutar publicamente através destes jornais.

No século XX até a década de 1970 podemos destacar jornais e revistas como:

15 CARVALHO, Gilmar Luiz de. *A Imprensa Negra Paulista entre 1915 e 1937: características, mudanças e permanências*. Dissertação de Mestrado em História. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009, p.8.

16 DOMINGUES, Petrônio. *Uma história não contada: negro, racismo e branqueamento em São Paulo no pós-abolição*. São Paulo: Editora Senac, 2004, p.341.

17 FERRARA, Miriam Nicolau. *A Imprensa Negra Paulista (1915-1963)*. Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais. Universidade de São Paulo, São Paulo, 1982, p.199.

18 PINTO, Ana Flávia M. *De Pele Escura e Tinta Preta: A Imprensa Negra do Século XIX (1833-1899)*. Dissertação de Mestrado em História. Universidade de Brasília, Brasília, 2006, p.27.

O Menelick (1915), O Alfinete (1918), Getulino (1919), O Clarim da Alvorada (1924), Quilombo (1929), A voz da Raça (1933), Alvorada (1945), Senzala (1946), A Voz da Negritude (1953), Correio do Ébano (1977), os quais buscam a constituição de um discurso que reivindica para si uma especificidade retórica definida como negra ou afro-brasileira¹⁹.

Para José Antônio dos Santos, "(...) a ideia central que definiu a imprensa negra foi a capacidade dos redatores em tornar os periódicos os primeiros meios de comunicação e protesto em defesa dos negros"²⁰. Estes últimos jornais citados vão ter como principais discussões: a luta contra o preconceito e um trabalho de conscientização da população negra. Percebe-se que ao longo das décadas os temas vão se alterando em alguns aspectos. De acordo com Florentina Souza, na década de 1920, por exemplo, os jornais da imprensa negra discutiam temas relacionados à ideia de mostrar que o negro tinha "(...) capacidade de viver de acordo com as normas que a "sociedade branca" determinava serem corretas - comportamento considerado imprescindível para a desejada ascensão social"²¹. Nesse período muitos negros negavam a existência do racismo no Brasil, acreditando na ideia de democracia racial. Até a década de 1970 este pensamento era muito comum entre as entidades negras. Através dos jornais que serão analisados mais à frente percebe-se que esta visão mudou completamente, despertando novas discussões e uma análise mais profunda sobre a sociedade brasileira e o racismo.

Por fim, ainda sobre o que é esta imprensa, José Antônio dos Santos afirma de forma mais atual que:

A Imprensa Negra é uma expressão conceito que atualmente abarca uma infinidade de publicações, não mais restritas aos meios impressos, mas que se diluem em aparelhos eletrônicos e se reproduzem através de sinais digitalizados. A principal identificação que une essa diversidade dos meios de comunicação é estar voltada para as reivindicações da população negra e ser reproduzida por pessoas que se identificam com esse meio²².

Após estas informações acerca da imprensa negra do século XIX e XX, serão apresentados alguns jornais da imprensa negra recifense que proporcionam uma visão mais ampla acerca dos Movimentos Negros, nas décadas de 1980 e 1990, e a importância do MNU como uma entidade que popularizou campanhas e temas que foram trabalhados por diversos grupos e jornais, além dos produzidos por suas seções.

Jornais da Imprensa Negra Recifense

Antes de apresentar os jornais da imprensa negra recifense das décadas de 1980 e 1990 é importante fazer uma breve apresentação sobre os primeiros momentos desta imprensa. No século XIX, como foi dito anteriormente, já existiam jornais da imprensa negra, entre eles, podemos destacar o jornal *O Homem*: realidade constitucional ou dissolução social, considerado o primeiro jornal da imprensa negra de Recife.

A historiadora Ana Flávia Magalhães Pinto escreve sobre este periódico em sua dissertação *De pele escura e tinta preta: a imprensa negra do século XIX (1833-1899)*,

19 SOUZA, Florentina da S., *op. cit.*, p.74.

20 SANTOS, José Antônio dos. "Uma arqueologia dos jornais negros no Brasil" *Historiae: revista de história da Universidade Federal do Rio Grande*, v. 2, 2011, p. 143-160, p.150.

21 SOUZA, Florentina da S., *op. cit.*, p.78.

22 SANTOS, José Antônio dos., *op. cit.*, p.158.

afirmando que sua primeira publicação ocorreu em 13 de janeiro de 1876 e que o jornal contou com 12 edições²³. Segundo a autora, o coordenador do jornal era o Dr. Felipe Nery Collaço, que já tinha participado de outros jornais anteriormente. Vale ressaltar, segundo a autora, que *O Homem* pode ser considerado um periódico abolicionista, por apresentar textos em defesa da abolição. Nesse sentido, esta publicação se destaca por ser uma publicação organizada por negros, diferentemente da maioria dos jornais abolicionistas, criados por intelectuais brancos da elite recifense. Conforme Pinto,

Bem se vê que, do início ao fim e do fim ao início, O Homem conseguiu ser um jornal de muito fôlego. A despeito de sua provável curta duração, seus ensinamentos tiveram a solidez necessária para o rendimento de debates por ainda bastante tempo²⁴.

O periódico *O Homem*, portanto, mostra que já no século XIX, antes mesmo da abolição, já se discutia na cidade de Recife sobre a situação do negro e a questão da discriminação racial.

Entre a criação deste jornal e a publicação do primeiro jornal negro recifense do século XX se passaram mais de cem anos. Nesse período, todavia, ocorreu o surgimento de entidades negras no estado que promoveram debates e contribuíram para a formação de uma militância negra na cidade.

Antes da criação do jornal *Angola*, foram criadas duas colunas no *Jornal Diário da Noite: Umbanda e Movimento Negro*, os autores dessas colunas foram os militantes Edvaldo Ramos e Jorge Morais. Primeiramente foi criada a coluna de Umbanda e depois, em janeiro de 1980, o espaço sobre o Movimento Negro.

Conforme Martha Rosa Figueira Queiroz, essa participação no *Diário da Noite* "(...) foi a primeira experiência jornalística do movimento negro recifense ocupando espaço em um jornal de circulação comercial, o que estimulou a dupla Jorge Morais e Edvaldo Ramos a fundar, em 1981, o jornal *Angola*"²⁵. Ainda de acordo com esta autora, "(...) a dupla Edvaldo Ramos e Jorge Morais mostra-se pioneira em priorizar a temática afro-religiosa, ainda bastante incipiente em termos organizativos naquela fase de rearticulação negra"²⁶.

Os criadores dessas colunas foram militantes importantes para o desenvolvimento dos Movimentos Negros no estado. Entre outros trabalhos podemos destacar que Ramos foi presidente da União das Escolas de Samba de Pernambuco e presidente do Centro de Cultura Afro-Brasileira, já Morais esteve presente na fundação de diversos afoxés de Pernambuco, foi o primeiro presidente do Afoxé Alafin Oyó, que surgiu no ano de 1986, além de ter sido militante do movimento negro do Recife e do Movimento Negro Unificado de Pernambuco.

A historiadora Martha Rosa, em seus trabalhos sobre a imprensa negra recifense, apresenta o processo de criação dessas colunas e a retomada dos Movimentos Negros de Recife na década de 1970. No entanto, para este artigo, interessa principalmente apontar brevemente esses momentos que precederam a criação da imprensa negra contemporânea de Recife, o foco da nossa análise.

O primeiro jornal a ser apresentado será o *Angola* – nosso jornal de Umbanda e

23 PINTO, Ana Flávia M., *op.cit.*, p.86.

24 *Idem*, p.131.

25 QUEIROZ, Martha Rosa F. *Os primeiros passos da imprensa negra recifense do século XX*. Trabalho apresentado no XI CONLAB, Salvador/Bahia, 2011, p.7.

26 *Ibidem*, p.3.

Candomblé. Este é um jornal do Centro de Cultura Afro-Brasileira (CCAB) e pode ser considerado o primeiro jornal da imprensa negra recifense do século XX²⁷. Entrou em circulação na cidade de Recife no ano de 1981. Tinha o objetivo, como a maioria dos informativos, de divulgar informações sobre festas, reuniões, cultura e, sobretudo, notícias acerca do universo religioso para a comunidade afro-brasileira de Pernambuco. Este jornal conta com edições de quatro páginas, impressas em *offset* em preto e branco e com formato A4, exceto a edição especial de 2007, que contou com formato A3, conforme a historiadora Martha Rosa Figueira Queiroz²⁸.

Acerca do Centro de Cultura Afro-Brasileira é possível afirmar que foi fundado no final da década de 1930, após o fechamento da Frente Negra Pernambucana, criada em 1934. O Centro foi reinaugurado por Edvaldo Ramos em 1980. Acerca da FN em Pernambuco Maria Auxiliadora Gonçalves da Silva afirma que

A FNB em Pernambuco tinha como objetivo redimir o negro da condição de semi-escravo, sem acesso aos meios de progresso pela ascensão social e econômica. Por esse prisma, a proposta do movimento não ousava atacar frontalmente o poder, porém buscar oportunidade de escolaridade - principalmente chegar até a Universidade e ter lugar no mercado de trabalho qualificado²⁹.

É nesse sentido que a Frente Negra Pernambucana se mostra, conforme Silva, incapaz de movimentar a comunidade negra recifense com as suas propostas. Com o advento do Estado Novo ocorre o fechamento da Frente Negra e a sua transformação em Centro de Cultura Afro-Brasileira.

Maria Auxiliadora Gonçalves da Silva destaca ainda, que após este período não existe grande mobilização dos movimentos negros no Recife, além de entidades com características culturais, até o fim da década de 1970 e início de 1980. Essa situação, de acordo com o livro *Orfeu e o Poder*, do sociólogo americano Michael Hanchard, também estariam presente no resto do país. Para Hanchard, grande parte do ativismo afro-brasileiro tem girado em torno de uma política da cultura³⁰. Essa ideia relacionada à postura culturalista, para alguns autores, atrapalhou a participação mais política, econômica dessas entidades negras, impedindo mudanças mais concretas na vida dos afro-brasileiros. Hanchard ainda afirma que,

(...) o culturalismo cristaliza ou hipostasia as práticas culturais, separando-as de sua história e dos estilos de consciência concomitantes que lhes deram existência. Obviamente, isso limita o alcance da articulação e do movimento alternativos por parte das populações afro-brasileiras³¹.

Alguns intelectuais se opõem a esta tese como Pierre Bourdieu e Loïc Wacquant³², como também a militante e historiadora Luiza Bairos, que criticam Hanchard por analisar os Movimentos Negros brasileiros com base na realidade estadunidense³³, isto é, ignorando as

27 QUEIROZ, *Os primeiros passos*, p.2.

28 QUEIROZ. "Do Angola ao Djumbay: imprensa negra recifense", *Cad. Pesq. Cdhis* v.24 n°2, Uberlândia, 2011, p.536.

29 SILVA, Maria Auxiliadora G. da, *op. cit.*, p.58.

30 HANCHARD, Michael G. *Orfeu e o poder: movimento negro no Rio de Janeiro e em São Paulo (1945-1988)*. Rio de Janeiro, EdUERJ, 2001, p.35.

31 *Idem*, p.38.

32 BOURDIEU, Pierre, WACQUANT, Loïc. "Sobre as artimanhas da razão imperialista", *Estudos Afro-Asiáticos*, Rio de Janeiro, vol. 24, n.º1, 2002, p.15-33.

33 Acerca deste tema é possível destacar o livro já citado de Michael Hanchard e dois artigos. O primeiro de Luiza Bairos "Orfeu e o Poder: uma perspectiva afro-americana sobre a política racial no Brasil" e "Resposta a Luiza Bairos" de M. Hanchard, onde o mesmo rebate as críticas feitas por Luiza Bairos sobre a sua visão do Movimento Negro no Brasil.

particularidades da questão racial em cada país. Apesar disso, percebe-se quando se discute acerca do Movimento Negro Unificado em Pernambuco, por exemplo, que este grupo também trabalha pela via culturalista, principalmente através de seus eventos. Nesta perspectiva, Figueira Queiroz defende, que os movimentos negros brasileiros possuem características que torna complexa a separação de entidades culturais e entidades políticas, pois a ligação entre o cultural e o político sempre foi muito forte entre eles. Segundo esta historiadora,

(...) a linha que distingue as entidades culturais das entidades políticas é muito tênue, sendo a trajetória das instituições um rol de ações que transitam do cultural ao político, compondo um universo discursivo marcado pelo enfrentamento ao racismo e oposição ao mito da democracia racial³⁴.

Como foi dito anteriormente, um dos fundadores do CCAB foi José Vicente Rodrigues de Lima. Em uma entrevista disponibilizada pela primeira edição do informativo *Djumbay* em março de 1992, Lima afirma que o CCAB surgiu para elaborar estudos e pesquisas sobre a cultura afro-brasileira³⁵, com a finalidade de valorizar e promover a cultura negra. O jornal *Angola* foi elaborado por Edvaldo Ramos e Jorge Morais, homens envolvidos em diversas áreas na luta contra o preconceito racial.

É possível apontar o caráter religioso deste jornal, que apresenta matérias sobre o tema, além de mostrar informações sobre encontros e eventos da comunidade negra, discussões sobre a dificuldade em promover a cultura negra, além de comentários sobre os problemas financeiros constantes que atrapalharam a manutenção do jornal. O periódico conta ainda com uma seção intitulada *Adarrum*, onde eram noticiados os eventos religiosos. É válido ressaltar que não se sabe ao certo o número de edições publicadas do *Angola*.

O segundo boletim que será analisado é o *Negração*, informativo do Afoxé Alafin Oyó, entidade que foi fundada em 1986. De acordo com Figueira Queiroz, o Alafin Oyó foi o quarto afoxé do estado de Pernambuco e tinha uma grande popularidade e importância no cenário cultural. Conforme a mesma, "(...) por muito tempo: ensaio de afoxé era o sinônimo de ensaio do Alafin"³⁶.

É possível afirmar que as edições do *Negração* possuem oito páginas cada, com tamanho tabloide. Para Figueira Queiroz, esta foi uma grande inovação, como também o expediente que apresenta mais informações³⁷. O jornal tinha no comando de sua diretoria de imprensa três mulheres, sendo duas militantes do MNU-PE: Alzenide Simões e a própria Martha Rosa Figueira Queiroz. A outra editora era Márcia Diniz, também próxima ao MNU. A primeira edição do boletim foi publicada compreendendo os dois últimos meses de 1988, ano do Centenário da Abolição.

O boletim tinha como finalidade promover as atividades do afoxé e de outros eventos importantes, para a comunidade negra. Buscava também refletir sobre temas relevantes para os debates do movimento negro da época, como por exemplo, o enfrentamento do mito da democracia racial, a denúncia de casos de racismo, histórias de heróis negros, divulgando também leituras e músicas sobre as temáticas apontadas. Com isso percebe-se, que além de ter militantes do MNU-PE em sua diretoria, este boletim procurava ainda promover os assuntos levantados por esta entidade na década de 1980. Alguns textos publicados pelo *Negração* foram escritos por autores que contribuíram também para matérias dos jornais publicados pelo MNU-PE, como *Omnira* e *Negritude*, mostrando a relação dessas instituições.

34 QUEIROZ, Do *Angola ao Djumbay*, p.547.

35 DJUMBAY, n°1, mar/1992, p.3.

36 QUEIROZ, Do *Angola ao Djumbay*, p.545.

37 *Ibidem*, p.545.

O historiador Ivaldo Marciano de França Lima comenta acerca desta ligação afirmando que,

(...) deve-se também acrescentar a informação de que o Movimento Negro Unificado organizou, nos anos 1980, a campanha pela defesa da cultura negra através da participação direta de seus militantes no maracatu Leão Coroado e no afoxé Alafin Oyó. Esta relação pode ser mais bem entendida se outra informação a respeito destes grupos for acrescentada: em vários momentos nos anos 1980 o presidente do Afoxé Alafin Oyó e do Maracatu Leão Coroado eram militantes do combativo agrupamento negro surgido no final dos anos 1970, o Movimento Negro Unificado³⁸.

O MNU-PE também contribuiu para o desenvolvimento da imprensa negra de Pernambuco, como foi comentado anteriormente, com os seus principais jornais o *Negritude* e o *Omnira*. Os jornais estão sendo apresentados no texto conforme a ordem de lançamento da sua primeira edição.

O *Negritude* foi um boletim do MNU-PE lançado no ano de 1986, em papel jornal, contando com quatro páginas, impresso em offset e com tiragem de 1000 exemplares, distribuídos gratuitamente, nas reuniões e eventos promovidos pelo MNU-PE³⁹. De acordo com Martha Rosa Figueira Queiroz (2011), o *Negritude* era fundamental para a divulgação das ideias e pensamentos do MNU-PE, principalmente, em razão do "(...) silenciamento da voz negra na imprensa local"⁴⁰. O *Negritude* era um jornal gratuito, por isso todas as despesas eram responsabilidade do MNU-PE, que contava com o apoio de alguns colaboradores, além de profissionais que atuavam na parte de composição, ilustração, diagramação, que não cobravam por seus serviços ou pediam um preço abaixo da média. Sobre este assunto é possível afirmar que grande parte dos jornais da imprensa negra passava por problemas financeiros, que contribuíam para o pequeno número de exemplares, a demora no lançamento de novas edições, entre outras dificuldades.

A primeira edição do *Negritude* foi publicada em 1986, compreendendo os meses de outubro e novembro, sendo a única deste ano. Em 1987 foram lançados três números, em 1988 uma edição especial, em 1993 mais uma publicação e três números em 1994. Posteriormente, tiveram algumas tentativas de retorno do jornal, porém com formato totalmente diferente. É importante notar os anos de lançamento das edições do jornal, pois percebe-se o espaço de tempo entre as mesmas, mostrando que o jornal passou por períodos sem regularidade. Em 1993, o jornal *Djumbay* chegou a anunciar a volta do *Negritude* em sua décima publicação.

As edições são compostas pela matéria de capa, editorial, outras matérias e o expediente. Pode-se destacar a parte de evento intitulada "Espaço Azeviche". Ao longo das edições este formato sofreu mudanças, primeiramente, as matérias eram elaboradas e assinadas pela Comissão de Imprensa, que representava o MNU-PE, apenas pessoas que não faziam parte da entidade assinavam seus textos. Contudo, a partir da sexta edição, o projeto editorial do *Negritude* se transformou, entre outras mudanças, podemos destacar que as matérias passaram a ser assinadas pelos autores. Conforme Figueira Queiroz, o expediente passou a ter os seguintes créditos: Coordenação de Comunicação: Alzenide Simões (Leu); Redação: além da coordenadora de Comunicação, outros militantes: Mônica Oliveira, Vilma de Deus, José Alves Dias (Zeca); Marcelo Pedrosa, Martha Rosa Figueira Queiroz. A diagramação e composição alternavam,

38 LIMA, Ivaldo Marciano de F. "Afoxés: Manifestação cultural baiana ou pernambucana? Narrativas para uma história social dos Afoxés", Florianópolis, *Esboços - Revista do Programa de Pós-Graduação em História da UFSC*, v. 16, n.º21, 2009, p.16.

39 QUEIROZ, *Do Angola ao Djumbay*, p.540.

40 *Ibidem*, p.544.

porém a militante do MNU, Vilma de Deus, cumpriu essas funções em alguns números⁴¹.

Em suas edições, o *Negritude* procurava tratar de diversos temas presentes nas discussões promovidas pelo Movimento Negro Unificado como, por exemplo, a luta para desmascarar o mito da democracia racial, matérias sobre os Encontros de Negros do Norte e Nordeste, textos sobre o pós-abolição, sobre o dia 21 de Março – Dia Internacional Contra a Discriminação Racial -, matérias voltadas para as mulheres negras e textos destacando os heróis e personagens da história negra. Além de produzir matérias sobre o MNU, sua trajetória e entrevistas com militantes. Nessas entrevistas eram levantados diversos assuntos, entre eles a ideia de que o MNU seria formado por intelectuais e burgueses, os militantes procuravam desmistificar essa visão, afirmando, no entanto, a necessidade da entidade em fazer um trabalho de base. Alguns entrevistados importantes foram Inaldete Pinheiro, militante dos Movimentos Negros de Pernambuco citada anteriormente, e Jorge Morais. Em sua sexta edição o *Negritude* afirma que “(...) não é apenas o Boletim do MNU. Ele é também de todos os negros que estão irmanados na luta por uma sociedade onde racismo seja coisa do passado”⁴². Para Figueira Queiroz, através dos textos do jornal *Negritude*,

(...) é possível perceber linhas de atuações, temáticas, atividades, alianças, dificuldades, posicionamentos frente à conjuntura nacional e internacional e, principalmente, estratégias empreendidas pela comunidade negra recifense no enfrentamento ao racismo⁴³.

É possível afirmar que isto se aplica não só ao jornal em questão, mas também aos outros analisados neste artigo.

Antes de falar sobre outro boletim do MNU-PE, é preciso destacar outro jornal que não pertence à entidade, contudo é fundamental para mostrar a pluralidade dos Movimentos Negros do estado, além de estar atrelado a trajetória, do MNU-PE, no final do século XX: o *Djumbay*. Este foi um informativo da comunidade negra pernambucana, cuja primeira edição foi publicada em março de 1992.

Primeiramente, o jornal afirmava em seu expediente ser um “informativo da Sambaxé Consultoria, Eventos e Promoções”, posteriormente esta informação deixa de aparecer no jornal, dando lugar, a partir da décima edição, a “publicação da *Djumbay* Organização pelo Desenvolvimento da Comunidade Negra”. Conforme Figueira Queiroz, ainda no período de informativo Sambaxé, ou seja, logo no início de suas publicações, o *Djumbay* já apresentava uma tiragem elevada, diferentemente dos outros jornais da imprensa negra de Recife. Este jornal se destaca também, entre outros aspectos, com relação à periodicidade regular do seu primeiro ano, com um jornal por mês. O *Djumbay* também contou com uma divulgação ininterrupta durante cinco anos, diferentemente da maioria dos periódicos.

É possível afirmar que o *Djumbay* é o periódico negro com maior número de exemplares do Recife⁴⁴, contou com vinte e seis edições ao todo e com uma tiragem inicial de 2.500 jornais e 10.000, em seus últimos números. As primeiras edições contam com oito páginas e as últimas com o dobro de páginas.

Segundo o editorial da primeira edição, o jornal tinha como finalidade “(...) envolver toda a comunidade pernambucana com uma comunicação participativa servindo

41 QUEIROZ, Do Angola ao Djumbay, p.541.

42 NEGRITUDE, nº6, Jul/Ago/1993, p.2.

43 QUEIROZ, *Onde cultura é política*, p.144.

44 DJUMBAY, nº1, Mar/1992, p.2.

de instrumento consequente em favor da causa negra⁴⁵. É importante ressaltar que o *Djumbay* contou com apoio de órgãos governamentais como a Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco (FUDARPE) e a Secretaria de Educação, a partir desta informação é possível compreender a regularidade e popularidade do jornal, pois este contava com uma boa estrutura financeira, ao contrário dos outros jornais.

O *Djumbay* apresenta, ao longo de sua trajetória, diversas matérias debatendo temas importantes para os Movimentos Negros e sobre algumas personalidades. Logo em sua primeira edição, o jornal lança uma entrevista com José Vicente Lima, militante citado anteriormente. Além de notícias diversas, como uma nota acerca da tese de Maria Auxiliadora Gonçalves da Silva, tese fundamental para o entendimento do Movimento Negro Unificado em Pernambuco. As edições do *Djumbay* contavam com diversos anúncios e procurava mostrar que queria atingir um público amplo com o objetivo de "(...) resgatar, difundir e promover a arte e cultura negra"⁴⁶. O jornal apresenta ainda notas sobre temas em destaque no MNU, além de comentários sobre as dificuldades enfrentadas pela imprensa negra.

Em sua oitava edição, de março e abril de 1993, o *Djumbay* comemora um ano de existência, afirmando:

A Imprensa Oficial só tem aberto espaço para os negros e negras quando é festa, quando tem percussão, capoeira, 13 de Maio ou 20 de Novembro. Porém os negros e negras têm outras coisas para expressar e, hoje, Pernambuco tem um veículo de comunicação alternativa, representativo da Comunidade Negra no estado e que trata de nossas questões num universo mais abrangente que não só dança, música e ginga - o Jornal *Djumbay*⁴⁷.

Este assunto volta a ser discutido em sua vigésima quinta edição com uma matéria sobre o que é imprensa negra. O jornal destaca um trecho do que seria esta imprensa para o I Encontro da Imprensa Negra, que ocorreu em setembro de 1979 no Rio de Janeiro. O trecho diz o seguinte, "Imprensa Negra - são publicações de propriedade de negros e editadas por estes em prol da Causa Negra, constituídas como veículos de informação e mobilização e de combate ao racismo, ao preconceito e à discriminação racial"⁴⁸. Este trecho é importante, pois mostra a preocupação do jornal com o tema e a necessidade de mostrar o que significa esta imprensa e o seu papel na sociedade. Vale destacar que nesta edição o jornal se denomina "Informativo da Lambadilê - Central de Notícias Afro-Brasileira". A definição anterior era "*Djumbay* é uma publicação *Djumbay*- organizada pelo desenvolvimento da arte e cultura negra".

Após a criação do *Negritude*, o MNU-PE voltou a se destacar com o surgimento do boletim *Omnira*, que é fruto do Grupo de Trabalho de Mulheres Negras da entidade. Este boletim foi criado no ano de 1993 com o objetivo de trabalhar, em matérias e textos, as questões de gênero e de raça.

De acordo com a historiadora e militante do movimento negro Martha Rosa Figueira Queiroz, as edições do *Omnira* contam com quatro páginas "(...) impressas em *offset*, preto e branco, sobre papel jornal, e com tiragem de 1.000 exemplares"⁴⁹. Conforme a quarta edição do boletim, este possuía: "(...) 4 (quatro) folhas grandes, [e] o jornal dedica a primeira e última página para assuntos e comerciais de sua comunidade. Já as páginas de dentro são

45 DJUMBAY, nº1, Mar/1992, p.2.

46 DJUMBAY, nº8, Mar/Abril/1993, p.3.

47 *Idem, ibidem*.

48 DJUMBAY, nº25, Mar/1996, p.9.

49 QUEIROZ, *Do Angola ao Djumbay*, p. 548.

para reportagens mais gerais, que tratem de problemas comuns a todas as comunidades⁵⁰.

O boletim conta com estas características em razão da sua participação em uma rede de jornais comunitários. Esta rede foi criada em julho de 1992, pela entidade não governamental, intitulada ETAPAS, que tinha como objetivo unir jornais de várias comunidades contribuindo, dessa forma, para o crescimento dos mesmos. Quando passou a ser membro desta rede o *Omnira* sofreu alterações em seu tamanho. As três primeiras edições são tamanho meio ofício, após a adesão à rede, no quarto número, passou a contar com uma edição tamanho ofício, entre outras mudanças. Por fazer parte desta rede o MNU não possuía total controle sobre as matérias divulgadas no boletim. É importante destacar que, em razão disto, o *Omnira* atingia “um público maior e mais diversificado”⁵¹ que o jornal *Negritude*.

Pode-se afirmar que o Grupo de Trabalho de Mulheres *Omnira* foi criado em março de 1993 com a proposta de produzir um trabalho de conscientização com as mulheres negras, com relação a sua autoestima e valorização. Este trabalho não ficou restrito ao jornal, contou também com palestras, reuniões em comunidades, pesquisas, entre outras formas criadas pelo grupo para se conectar com seu público alvo. O projeto do grupo *Omnira* procura salientar a busca pela liberdade das mulheres e por uma verdadeira democracia racial. Além disso, as autoras deixam exposta a ideia central do grupo de “(...) desenvolver com as mulheres de baixa renda - negra em sua maioria - atividades educacionais, na área de saúde, com vistas a melhoria na qualidade de vida”⁵².

Conforme Figueira Queiroz, é possível afirmar que,

Através das páginas do *Omnira* podemos observar que o Movimento Negro reflete sobre gênero, ao construir grupos de mulheres que buscam analisar as relações raciais sob o ponto de vista feminino. O *Omnira* é a voz feminina em alto e bom tom na história do MN no Recife por ressaltar as personagens e as cenas desse enredo que articula racismo e sexismo⁵³.

Além das matérias voltadas para as comunidades no geral, o *Omnira* procurava destacar temas atuais e importantes para vida das mulheres negras. Por exemplo, o boletim tratava com frequência da questão do tráfico de mulheres e do turismo sexual realizado em Pernambuco, temas debatidos em palestras e eventos do grupo. Eram abordados ainda assuntos relacionados à saúde da mulher e os eventos promovidos pelas entidades dos movimentos negros, por exemplo, o Seminário Nacional de Mulheres Negras. Algumas colunas foram importantes para o boletim como “Mulheres em movimento” e “Mulheres que fizeram parte da nossa história”, procurando contar a história e mostrar o papel central das mulheres negras na luta por liberdade. Duas mulheres que ganharam destaque e biografia no boletim foram a Rainha Nzinga e a Deputada Benedita da Silva, por exemplo.

Após estes esclarecimentos sobre os jornais da imprensa negra de Recife, é possível afirmar que eles possuem semelhantes propostas, porém, cada um com suas particularidades. Primeiramente, pode-se destacar a questão das tiragens e da regularidade. Como foi dito anteriormente, a imprensa negra sempre sofreu com problemas financeiros que prejudicavam diretamente a produção de seus jornais. Estes, e outros problemas, contribuíam para a demora na publicação de seus números, o não cumprimento do tempo entre as edições e até mesmo para o fim das publicações, tanto o *Negritude*, quanto o *Omnira* sofreram com este

50 OMNIRA, nº4, Maio/1993, p.2.

51 QUEIROZ, *Do Angola ao Djumbay*, p.548.

52 Projeto do Grupo de Mulheres *Omnira* do Movimento Negro Unificado de Pernambuco.

53 QUEIROZ, *Do Angola ao Djumbay*, p.549.

problema. Entretanto, o *Omnira* combateu em parte a situação passando a ser publicado pela entidade ETAPAS e não apenas pelo MNU-PE, já o Negritude dependia totalmente da entidade, que sofreu com problemas financeiros durante toda sua trajetória. O *Djumbay*, em razão de suas colaborações, teve uma trajetória diferente dos outros jornais conseguindo se sustentar por mais tempo e contando com mais exemplares e edições, possibilitando uma contribuição maior para a comunidade e até mesmo para a história da imprensa negra de Pernambuco.

Como a maioria dos jornais, estes também passaram por grandes mudanças físicas com o intuito de modernizar as edições, os cabeçalhos mudam ao longo dos anos, assim como as colunas. Além dessas questões, nota-se que o diálogo entre os textos destes jornais é fundamental para entender a ligação entre eles e o MNU. Através das discussões é possível perceber que não só as entidades negras na década de 1980 e 1990 estavam participando ativamente no combate ao racismo e no processo de desmistificação da ideia de democracia racial, como também estavam de acordo, na maioria das vezes, com as propostas e campanhas divulgadas pelo MNU. Sabe-se que as principais bandeiras do MNU nas duas últimas décadas do século XX eram: a luta pela transformação do dia 20 de novembro, dia da morte de Zumbi dos Palmares, em Dia Nacional da Consciência Negra, com o intuito de combater a imagem de passividade do negro, representada pelo dia 13 de maio, a luta pelo fim do mito da democracia racial e pelo fim da violência policial. É possível perceber a presença constante desses debates não só no *Negritude* e no *Omnira* como em todos os jornais apresentados. Apesar desta relação, estes jornais possuem perfis distintos mostrando a pluralidade dos movimentos negros no Estado. Percebe-se, por exemplo, que os periódicos do MNU-PE têm um caráter mais politizado, mesmo publicando e divulgando informações sobre a cultura e religiosidade afro-brasileira. Como foi exposto o *Angola* tem como tema central a questão religiosa, já o *Negração*, por ser de um afoxé, e o *Djumbay*, seguem uma linha mais cultural.

Após o estudo acerca da história dos movimentos negros em Pernambuco é notória a pluralidade de pensamentos e propostas. O MNU surge com a ideia de unir esses movimentos, porém, em razão desta multiplicidade de propostas tornou-se difícil concretizar este objetivo. Apesar disso a história do MNU foi marcada por muitas conquistas e é possível afirmar que esta entidade, no estado de Pernambuco, possuiu um papel aglutinador ao criar eventos, campanhas e ao se relacionar com estas entidades citadas anteriormente. Nesta perspectiva, Figueira Queiroz afirma que "(...) não pensamos o MNU-PE como centro da militância negra recifense, porém os registros nos conduzem a acreditar que por suas reuniões ou em torno delas muito se pode enxergar acerca da luta anti-racista na cidade do Recife nas duas últimas décadas do século XX"⁵⁴.

Considerações Finais

Ao trabalhar com o tema da imprensa negra recifense, o artigo deseja mostrar outra vertente dos movimentos negros e como estes procuravam divulgar suas informações e projetos de lutas. Através desses jornais, é possível entender questões como a organização das entidades negras, seus debates, sua ligação com as comunidades, além de mostrar como o MNU de Pernambuco contribuiu para a organização de discussões e de propostas para os movimentos.

Uma das principais questões, que pode ser trabalhada com esses periódicos, diz respeito aos debates que receberam destaque ao longo das décadas de 1980 e 1990, com a liderança do MNU-PE. Podemos destacar as discussões sobre a situação social do negro no Brasil;

54 QUEIROZ, *Onde cultura é política*, p.144.

a violência policial contra esta população; a questão religiosa sempre presente nesses jornais; a valorização da participação dos negros na história, que eram omitidos dos livros didáticos, entre outros, em razão dos estudos de caráter eurocêntrico; o debate sobre o mito da democracia racial; sobre a cultura negra; entre outros temas que procuravam mostrar para a população negra que ela tem uma história e uma cultura e como estas eram ignoradas pela “história oficial”.

Foram trabalhados dois jornais do MNU-PE, o *Negritude* (1986) e o *Omnira* (1993). Ambos são fundamentais para o entendimento de propostas e estratégias da entidade. O primeiro foi essencial para a divulgação dos trabalhos, campanhas e propostas do MNU-PE. Estes jornais possuíam ainda uma função educativa, no que se refere à história negra, sua cultura e religiosidade. Nestas décadas de atuação do jornal era fundamental esse processo de educar a comunidade negra sobre a sua história. O *Negritude* passou por diversas mudanças e foi um dos primeiros a surgir com o objetivo de ocupar um espaço que os negros não encontravam na imprensa oficial. Já o *Omnira*, fruto de um GT (Grupo de Trabalho) do MNU-PE, procurou desenvolver um trabalho voltado para as mulheres negras, destacando questões como a relação entre racismo e sexismo, a exploração sexual de mulheres, entre outros assuntos. A análise feita sobre os outros jornais procurou demonstrar a presença da imprensa negra em Recife e o papel do MNU-PE como entidade aglutinadora nas últimas décadas do século XX. O jornal *Angola* (1981) foi lançado pelo Centro de Cultura Afro-Brasileira e tinha como finalidade, além de divulgar informações, falar sobre a religiosidade afro-brasileira. O jornal foi criado por dois militantes, Edvaldo Ramos e Jorge Moraes, que anteriormente procuraram espaço na imprensa oficial, tratando pela primeira vez sobre esses temas. O *Negração* e *Djumbay* também foram jornais fundamentais para o desenvolvimento da imprensa negra e mostram relação direta com o MNU-PE. O *Negração* contou com militantes do MNU em sua direção, além da presença de que vários militantes do MNU na presidência do Afoxé Alafin Oyó. O *Djumbay* participou de diversos eventos ao lado do MNU-PE e mostra através de suas publicações a diversidade dos movimentos negros no estado.

Por fim, é importante salientar a necessidade de trabalhar este tema, pois conforme Amílcar Araújo Pereira, é fundamental compreender a história dos movimentos negros organizados no Brasil, para que se possibilite o debate acerca da igualdade e da democracia, pensando em formas de contribuir na luta contra o racismo e também de discutir sobre as políticas de ação afirmativa para a população negra do país.